

A UTOPIA O MUNDO RESPLANDECENTE: UM MUNDUS INTELLECTUALIS

THE UTOPIA *THE BLAZING WORLD*: A MUNDUS INTELLECTUALIS

Milene Cristina da Silva Baldo¹

RESUMO

A utopia *A Descrição de um Novo Mundo, chamado O Mundo Resplandecente*, de 1666, é de autoria da filósofa natural e Duquesa de Newcastle Margaret Lucas Cavendish. Tal obra é considerada a primeira no gênero literário utópico escrita por uma mulher e apresenta a história do descobrimento de um novo mundo por um estrangeiro que, após atravessar os mares, ali desembarca. O Mundo Resplandecente possui uma organização das leis, do estado, da religião etc. que permite uma vida em perfeita harmonia. A intenção principal desse artigo é apresentar algumas observações sobre a estrutura utópica do texto, como o fato de que, diferentemente da estrutura paradigmática do texto de Thomas More, após sua chegada, o estrangeiro passa a interferir nesse mundo provocando-lhe mudanças substanciais. Também procuro apontar algumas das relações presentes entre a obra e outros textos contemporâneos, como os de Thomas Hobbes e de Francis Bacon, referências influentes para a construção do pensamento de Cavendish.

PALAVRAS-CHAVE: utopia, Margaret Cavendish, literatura inglesa, estudos utópicos, utopismo

ABSTRACT

The utopia *The description of a New World, Called The Blazing-World* was first published in 1666 by the natural philosopher Margaret Lucas Cavendish (the Duchess of Newcastle). This work is considered to be the first utopian work written by a woman

¹ Doutoranda em Teoria Literária no Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP. Membro do U-TOPOS - Centro de Pesquisa sobre Utopia e do grupo de estudos "Renascimento e Utopia" (IEL/UNICAMP). Contato: milenebaldo@gmail.com

and presents the history of the discovery of a new world by stranger, after a trip across the seas. This world has perfect organization of law, state, religion etc., resulting in a harmonious life for its inhabitants. This article intends to analyze how the utopian characteristics appear in this work as, after his arrival, the stranger starts to interfere in this world, in opposite to what happens in Thomas More's *Utopia* (1516) and the most of the utopian works of this time. This causes a number of changes, mainly in reason to the stranger's will in to establish scientific societies in that land. I also signalize some of the relations between this work and others texts produced throughout the seventeenth century such as those of Thomas Hobbes and Francis Bacon, whose ideas were essentials to the Cavendish's thought.

KEY-WORDS: utopia, Margaret Cavendish, English literature, utopian studies, utopianism

Em 2016 foram celebrados os 500 anos da publicação da *Utopia*, de Thomas More. O gênero literário a qual ela deu origem constituiu uma trajetória bastante frutífera e possui ainda inúmeras reverberações e impactos na construção do pensamento histórico, filosófico e literário. Ainda assim, encontramos muitos textos dessa tradição pouco investigados, o que se agrava quando nos deparamos com o contexto brasileiro, tanto em razão da barreira da língua, quanto pela carência de análises investigativas das utopias em si. Este obstáculo impede a compreensão do próprio gênero, pois se, como afirma Berriel, a "utopia é sempre obra datada, porque apresenta solução de problemas históricos bem localizados" (2004, p. 5), cada texto utópico vai apresentar divergências e características próprias que devem ser analisadas para a compreensão do próprio conceito. Não obstante, relegar essas obras ao esquecimento também proporciona a obliteração das reflexões de tantos utopistas sobre os ideais do viver associado.

Diante desse contexto, a minha intenção é exatamente a de trazer à luz uma utopia negligenciada durante muito tempo, mas que tem recebido cada vez mais in-

teresse dos estudos utópicos: *O Mundo Resplandecente*² (*The Description of a New World Called The Blazing World*), de Margareth Cavendish. Trata-se não apenas da primeira utopia escrita por uma mulher, como também de um vislumbre, segundo alguns, do que seria a ficção científica³ dos séculos seguintes, por abordar a filosofia natural do período.

O objetivo principal desse artigo, portanto, será o de apresentar uma leitura inicial da obra, indicando as principais relações que ela estabelece com a tradição de narrativa utópica e com o seu contexto histórico e filosófico. Não obstante, caberá também esboçar de que forma ela contribui para ampliar as concepções acerca da definição de utopia enquanto gênero literário e de seus desdobramentos. Para isso, dada a sua pouca difusão, farei uma breve contextualização sobre a biografia da autora e as condições de produção e recepção da utopia. Em seguida, apresentarei o enredo intercalando-o com as análises que o relacionam tanto às obras de tradição do gênero, quanto às de Thomas Hobbes e Francis Bacon, que emergiram, no texto, como influências diretas para as constituições do estado cavendishiano. E, posteriormente, a que considerações pode se chegar a partir desse olhar mais cuidadoso sobre esta utopia.

1 MARGARETH CAVENDISH, ESCRITORA E FILÓSOFA NO SÉCULO XVII

Margaret Lucas Cavendish (Colchester, 1623-1673) foi uma Duquesa, de caráter bastante peculiar em suas vestimentas e modo de agir, o que lhe conferiu o apelido de *Mad Madge*⁴. Prolífica autora, publicou onze obras, em um século no qual as mulheres tinham pouco espaço na esfera erudita, razão por que é considerada uma das

2 A tradução desta utopia e um estudo introdutório que a acompanha foram os objetivos do meu Mestrado, defendido em 2014 e publicado em 2015. Todos os trechos aqui apresentados da utopia, ou de outras obras da autora, são traduções minhas e observações e comentários sobre os mesmos são muito bem-vindos.

3 Cf. JONES *apud* WHITE (2009, p. 42)

4 Samuel Pepys (1633-1703) foi um administrador naval inglês, notório na posteridade por seu diário, publicado pela primeira vez em 1825, o qual contém informações sobre a vida em Londres, no período da Restauração, a partir de 1660. Apesar de sua origem humilde, Pepys foi um dos homens mais importantes de seu tempo, pois, além de servir ao Parlamento, foi presidente da *Royal Society* e confidante de Charles II. Ele menciona a Duquesa de Newcastle em sete momentos do seu diário, sempre com impressões sobre sua vestimenta, classificando-a como detentora de um caráter excêntrico. Em seu registro de 30 de maio de 1667, cita a visita da Duquesa à *Royal Society*, quando lhe foram mostrados muitos dos instrumentos que eram utilizados e quando ela viu os experimentos com vácuo e ar (PEPYS, 2003).

mais importantes figuras femininas do século XVII⁵. Dentre suas composições, encontram-se poemas, peças, novelas, cartas, autobiografia, biografia, utopia e proposições sobre filosofia natural. Este último é um fato bastante notável e a fez ser classificada como uma das primeiras mulheres a se envolver nos debates científicos que ganhavam cada vez mais espaço no âmbito intelectual.

Cavendish também se envolveu em outra importante discussão de seu tempo relacionada ao novo paradigma governamental, em função da posição política assumida por sua própria família e por seu esposo, o Duque de Newcastle, William Cavendish. Tanto a família Lucas quanto a Cavendish foram fiéis à realeza, servindo-lhes na guerra e na corte – ela foi dama de companhia da rainha Henrietta Maria e a acompanhou no exílio –, o que teve como consequência a morte de muitos deles em batalhas e a perda de várias propriedades nos anos em que o reino passava por uma guerra civil. Apesar de ter sido leitora de clássicos sob orientação de seu irmão John, inclusive os da tradição utópica, como Francis Bacon (1561-1626) e Luciano de Samósata (120 d.C.), foi a sua união ao então Marquês de Newcastle, o que lhe proporcionou tanto a possibilidade de publicação como as conexões com os intelectuais mais importantes do período. O Círculo de Cavendish⁶, como ficou conhecido, era composto por nomes como Thomas Hobbes⁷, (1588-1679), René Descartes (1596-1650), Pierre Gassendi (1592-1655), Marin Mersenne (1588-1648), John Pell (1611-1685) entre outros (WHITAKER, 2002; CAVENDISH, 2003; JAMES, 2003). O primeiro chegou a levar alguns dos novos instrumentos, como microscópios e telescópios, para que os nobres pudessem vê-los⁸ e Constantijn Huygens (1629-1695)⁹ lhe enviou, por correspondência, lentes para serem apreciadas e analisadas, o que prova a sua inserção nos diálogos entre os intelectuais da época.

5 Grande parte da fortuna crítica da obra se encontra no campo dos estudos feministas, que procuram elevá-la ao reconhecimento como escritora e cientista no século XVII, como é o caso do artigo de Marina Leslie, 1996, publicado na revista *Utopian Studies*.

6 O Círculo Cavendish também foi nomeado como Welbeck (em razão da residência de Welbeck Abbey) e Newcastle (depois que William recebeu o título de Duque). É um dos primeiros centros a estudar a teoria atômica. Começou na Inglaterra, ficou exilado com os realistas, que continuaram provendo encontros em Paris, e retornou à Inglaterra após a Restauração (DEWALD, 2004, pp. 426-429).

7 Cavendish menciona várias das conversas entre Hobbes e seu esposo na biografia que publicou sobre o Duque, *The life of William Cavendish*, de 1667.

8 Há registros também de que quando residiram na Holanda, William e Charles adquiriam alguns microscópios. (MEYER *apud* WHITE, 2009).

9 Cf. AKKERMAN e CORPORAL, 2004.

Após a Restauração da Monarquia, o casal retorna à Inglaterra, mas não consegue uma posição mais próxima do rei, o que os leva a viver um pouco distante da corte, em Welbeck Abbey. São poucas as vezes que retornam a Londres como, por exemplo, quando o nobre recebe o título de Duque, ocasião na qual ocorreu a célebre visita de Cavendish à *Royal Society*. Assim, em 30 de maio de 1667, uma mulher entrava pela primeira vez na sede daquele grupo seleto de intelectuais. É um ato simbólico, já que esta instituição assumira a posição de vanguarda da nova ciência. Ali, a duquesa assistiu a demonstrações de experimentos científicos, apresentadas por filósofos como Robert Boyle e Robert Hooke, como a câmara de vácuo e a bomba de ar (possibilidades que ela havia negado anteriormente)¹⁰. Com essa reunião de breves acontecimentos que envolvem a biografia da filósofa, fica claro perceber como a sua trajetória apresenta intensa relação com as profundas alterações, que estavam a ocorrer nas esferas filosófica e política desse momento.

2 FANTASIAS E CONTEMPLAÇÕES MAIS SÉRIAS

O Mundo Resplandecente foi publicado pela primeira vez em 1666, como apêndice para outro livro da duquesa, *Observations Upon Experimental Philosophy*, e teve uma segunda edição publicada em 1668, independentemente e com modificações no prefácio. Como todas as obras de Cavendish, a recepção do texto, como os próprios prefácios enfatizam, era feita por um público formado por nobres damas da corte, às quais ela sempre se dirige, e por alguns senhores, dentre os quais há importantes figuras de quem divergia. Além disso, no que tange a esta utopia, existe certa resistência justamente por se tratar de uma obra de ficção, preceito negado pelos cientistas da época que tentavam se livrar do modo antigo de construir hipóteses e criticavam, portanto, publicações de estudos com o invólucro da fantasia. Dessa forma, não fosse a sua posição aristocrática da autora, provavelmente sequer teria conseguido público

¹⁰ Em *Observations Upon Experimental Philosophy*, Cavendish escreve “como já mencionei em minhas afirmações anteriores, eu verdadeiramente acredito que todas, ou a maioria das criaturas naturais, têm certo tipo de respiração, por isso é que também acredito ser mais provável que a totalidade, ou a maioria das criaturas naturais, possua poros, não poros vazios, pois não pode haver vácuo na natureza” (CAVENDISH, 2001, p. 55). Tradução do original: “as I have mentioned in my former discourse, that I do verily believe all or most natural creatures have some certain kind of respiration; so do I also find is most probable, that all or most natural creatures have pores: no empty pores; for there can be no vacuum in nature”.

leitor.

Diferentemente de Thomas More (1478-1535), que, por sua carta introdutória à *Utopia* e por sua precisão descritiva geográfica, intenta conferir credibilidade ao relato, o que “dissocia o discurso político-utópico do puro e simples romance de aventura”, como já elucidou o historiador Luigi Firpo (2005), Cavendish, em seus prefácios, aproxima-se mais de Luciano de Samósata¹¹, porque deixa claro ao leitor que o mundo ali construído não passa de especulação ficcional, e até fantasiosa, de forma que sua única intenção seria a facilitação da leitura e a compreensão de considerações filosóficas.

as histórias fictícias encontram-se no campo da imaginação do homem, emolduradas em sua própria mente, segundo o que mais lhe agrada, sem se preocupar se o que ele imagina é realmente existente fora do pensamento ou não. De modo que a Razão busca o profundo da Natureza e investiga as verdadeiras causas dos efeitos naturais, enquanto a imaginação cria de acordo com sua própria vontade o que lhe agrada e se deleita com a sua criação. Afinal, enquanto o fim último da racionalidade é a verdade, o da imaginação é a fantasia, mas não penseis que cometo um engano quando distingo a Imaginação da Razão, pois não pretendo afirmar que a fantasia seja feita de partes não racionais da matéria, mas por Razão entendo a busca e o questionamento racionais das causas dos efeitos da natureza; e por imaginação, uma criação ou produção da mente, sendo ambas efeitos, ou melhor, ações das partes racionais da matéria, as quais, são laboriosas e extenuantes, e requerem em muitos momentos a ajuda da fantasia para entreter a mente, e afastá-la de suas contemplações mais sérias. (CAVENDISH, 1668)

Tal alegação pode ser observada também em função da história do gênero utópico. Quando More escreve, a novidade dos relatos de viagem das navegações, muitas vezes fantasiosos, que se propagavam pelo continente europeu, permitia que leitores menos eruditos não compreendessem a intenção real da obra. Contudo, mais de um século e meio depois, os novos mundos não eram novidade e a estrutura narrativa própria do gênero já era mais conhecida. Porém, pode-se especular também que, ao redigir essas considerações iniciais, Cavendish tivesse a intenção de se desviar da censura popular prévia, pois suas propostas políticas, inclinadas à defesa da monarquia aos moldes anteriores à guerra civil, já não faziam mais parte do ideário dominan-

¹¹ O próprio Thomas More, ao traduzir as obras de Luciano, aponta para o fato de que “tais escritos atendem à exortação horaciana a que a literatura una o deleite à instrução” (MORE *apud* ADAMS & LOGAN, 2009).

te, tanto que a modificação substancial do papel exercido de fato pelo monarca ocorre poucos anos depois.

Será diferente também o início de seu relato, no qual ela não descreve o encontro entre os interlocutores, isto é, o momento em que o viajante-narrador retorna e encontra-se com alguém para quem contará o que observou na terra utópica. Quem narrará a história será, a princípio, alguém que se projeta fora do relato, um narrador desconhecido, que se dirige diretamente aos leitores. Mais tarde, esse narrador aparecerá em vários momentos, quando faz comparações entre os mundos – dele e dos interlocutores com o mundo relatado –, porém nunca se coloca no texto enquanto partícipe daquela sequência de acontecimentos.

Assim, o acesso ao lugar desconhecido se dará por meio de outro viajante, mais precisamente, uma viajante, que é sequestrada por um marinheiro apaixonado, o qual planeja levá-la à sua própria morada. Logo, a experiência que ela terá, ao conhecer outro mundo, é não intencional, contra sua vontade – o mesmo que ocorreu com Cavendish, que foi obrigada a deixar o território inglês. Não obstante, uma tempestade inesperada altera o curso do navio, direcionando-o para a região do Polo Norte¹², onde adentram ao mar gelado. A escolha deste lugar extremo faz-se compreensível em função da existente familiaridade com a maioria dos continentes e oceanos, e foi uma “solução” consonante com outros utopistas da época.

(...) Campanella, menos de um século depois, coloca a sua cidade ideal no Oceano Índico, muito mais longe e misterioso que o Oceano Atlântico. Vinte anos depois, Francis Bacon precisará imaginar a sua Nova Atlântida no Oceano Pacífico, porque precisa referir-se a um mar ainda não muito conhecido, dado que agora o Atlântico era percorrido em todos os sentidos, e há tempos o Oceano Índico é frequentado por portugueses e espanhóis (FIRPO, 2005, p. 231).

Esta região ainda era fruto do desconhecido, porque raras tinham sido as expedições feitas para atingir tal fronteira. Além disso, o momento histórico faz, inclusive, com que o lugar em que se constitui a utopia difira da tradição moreana, pois diferentemente de uma cidade, a sociedade encontrada estabelece-se em outra dimensão planetária, dado que o viajante alcança não simplesmente outra cidade ou outro país,

12 O norte também é o destino de viagem da utopia *Nova Atlântida*, de Francis Bacon.

mas sim outro mundo¹³.

Ao continuar a narrativa, relata-se que o infortúnio de serem direcionados para uma localidade desconhecida era uma punição do céu, que ficou enraivecido pelo ato criminoso cometido pelo marinheiro. Posteriormente, um vento forte agitava de maneira violenta a pequena embarcação até que ocorreu a sua chegada a um mar gelado, onde foi forçada “entre gigantescas paredes de gelo”. Entretanto, em função da virtuosidade da dama, que era ajudada pelo sobrenatural, o vento, naquele espaço, sofria uma transformação e parecia conduzir o barco através do precipício “como se tivesse sido orientado por algum capitão experiente e algum hábil marinheiro”.

Assim como a ilha dos utopianos, o mundo resplandecente deixa, em sua entrada, algumas pistas para a compreensão dos sentidos possíveis atrás das construções metafóricas. O acesso a este lugar é extremamente penoso e parece inalcançável sem a ajuda divina, da mesma forma que não são todos os que dele se aproximam que conseguem adentrar, mas apenas os virtuosos como a dama raptada. A descrição das paredes de gelo evoca com certa similitude as alegóricas colunas de Hércules¹⁴, as quais constituem ícones do limite do mundo conhecido, ou seja, da filosofia antiga e medieval, a qual está sendo suplantada, mas que ainda oferece grande dificuldade de transposição, ao mesmo tempo em que, se vencidas, proporcionam a recompensa do conhecimento de um novo mundo. A imagem das colunas aparece também no frontispício do livro de Bacon publicado em 1620, *Instauratio Magna*, com o qual ele começou definitivamente as proposições para uma nova ciência. Nele, é possível ler, abaixo do navio, entre as colunas, os dizeres *Multi pertransibunt & augebitur scientia* (Muitos passarão, e o conhecimento aumentará) retirada do livro bíblico de Daniel. A passagem, nesse contexto, aludia aos filósofos e cientistas que se dedicavam ao estudo dos novos saberes.

13 Novamente, a narrativa de Cavendish apresenta-se próxima da tradição luciânica de viagens para outros corpos celestes, o que ocorre de forma similar a outra utopia contemporânea, *Man in the Moon*, de 1638 – que recebeu uma tradução recente para o português (CAIXETA, 2014) –, do bispo anglicano Francis Godwin, na qual o viajante também alcança uma sociedade fora do planeta, e a viagem se dá não através do mar, mas pelos céus (PARK, 2012).

14 As colunas de Hércules (também nomeadas por Colunas ou Pilares de Hércules e que estão geograficamente presentes no Estreito de Gibraltar) são o ponto de partida da narrativa de viagem de Luciano de Samósata. Elas representam a fronteira entre o mundo conhecido, alusivo aos limites do Mar Mediterrâneo, e o desconhecido e temerário, ao qual se era conduzido pelo Oceano. Metaforicamente, correspondia à divisa entre o conhecimento antigo e o novo.

Note-se ainda que foi necessária a orientação de um condutor experiente para guiar a viajante em meio aos precipícios. Em relação a esse aspecto, a hipótese é que, como se trata de um mundo científico, um mundo em que os seres seguem a ordem natural criada por Deus, onde há muitos virtuosos e que, por fim, contém o Éden perdido, a metáfora elaborada por Cavendish versa sobre o percurso para a compreensão da natureza, da filosofia natural e da obra sagrada, também percorrido por ela. Não é possível alcançar esse mundo por si só, mas apenas com a ajuda de mentores que guiem e orientem. A própria duquesa sequer teria se dirigido a ele por sua vontade própria, afinal não era aceitável para as mulheres, naquele momento, os estudos filosóficos. Todavia, uma vez se consiga chegar a essa esfera, poder-se-ia fazer usufruto de todo aquele conhecimento, a fim de angariar domínio completo do mundo do saber, ao mesmo tempo em que se confirmaria a teoria de Bacon, segundo a qual, pelo acesso à ciência, o homem poderia retornar ao paraíso perdido.

Seguindo a narrativa, é feita a descrição da morte dos marinheiros por congelamento, ao qual resiste apenas uma pessoa, a jovem dama que “pela luz de sua beleza, pelo calor de sua juventude e pela proteção dos deuses, permanecia viva”. Também é informado que o frio era de extremidade tal, a ponto de ter matado os navegantes, porque eles, na verdade, já se encontravam no polo de outro mundo, logo, haveria um frio duplicado. O narrador explica que existe uma conexão entre esses mundos, a qual se encontra nesse lugar e se dá por meio da laboriosa passagem. Ao se atingir aquele espaço, não se podia continuar o percurso, no sentido descendente, e transpor esta extremidade, uma vez fosse impossível navegar de norte a sul como se fazia de leste a oeste, “porque os polos desse novo mundo, unindo-se aos do nosso, não permitem qualquer outro acesso que possibilite circundar o planeta dessa forma”, restando apenas o ingresso no novo mundo. À vista disso, o local fronteiro da união entre eles contribuiria para a composição do caráter do próprio “herói” utópico “que viaja, experimenta, aprende com o que se passa e o que lhe diz, e retorna para contar” (BRANDÃO, 2010, p. 21-22), mas não permanece na utopia, ou mesmo faz dela um destino de fácil acesso, assim como é reforçada a característica da utopia como um lugar praticamente inalcançável.

Ademais, essa relação existente entre diferentes mundos metafóricos faz re-

ferência àquela que foi apontada pelo próprio Francis Bacon, pois em *O Progresso do Conhecimento*, de 1605, mais uma vez no frontispício, há a ilustração na parte superior dos chamados *Mundus visibilis* e *Mundus Intellectualis*. Eles se interligam por um aperto de mãos e as colunas limítrofes, já transpostas pelo navio dos navegantes, são sustentadas pela ciência e pela filosofia.

Nesse mesmo fragmento da história, são apresentadas as primeiras afirmações relacionadas mais claramente ao conhecimento cientificista da época, pois o narrador começa a tecer justificativas para a possibilidade de dois sóis, bem como acerca da trajetória circular e exata de ambos. Esse preciso percurso não permitiria que um sol ultrapassasse os trópicos do outro mundo e que fosse possível, aos habitantes do mundo do narrador e dos interlocutores, enxergar o outro sol, em função do extremo brilho do astro que ali incidia sua luz. Apenas seria possível tal feito se fossem utilizados telescópios profundamente potentes.

Quando finaliza o primeiro parágrafo do texto, não obstante todos os indícios preliminares fornecidos, Cavendish ainda inclui um apontamento para outro importante tema presente nesta obra. Nestas últimas frases, principiam as críticas mordazes ao uso de instrumentos ópticos para a experimentação científica, o que é, definitivamente, um debate caro ao período.

E, embora eles [os sóis] devam se encontrar, nós, neste mundo, não conseguimos percebê-los facilmente, em razão do fulgor do nosso Sol, o qual, por sua proximidade, tolhe o esplendor do outro Sol, estando eles muito distantes para serem vistos por nossa percepção ótica, a não ser que usássemos excelentes telescópios, através dos quais hábeis astrônomos podem observar dois ou três sóis de uma só vez (CAVENDISH, 1668).

A partir desse momento, a narração segue mais próxima da estrutura conhecida do gênero utópico. A jovem percebe que se encontra em uma planície de gelo e, ao avistar um trecho em que havia terra, nota que de lá estão saindo criaturas estranhas, espécies de ursos¹⁵ humanoides¹⁶. Estes seres, que conversavam de forma extrema-

¹⁵ A palavra *bear*, quando usada como adjetivo, tem também a conotação de *uma pessoa mal-educada, grosseira áspera*, ou um *homem desajeitado, complicado, rude*. Ao antropomorfizar seus filósofos experimentais, Cavendish está também os satirizando, e por isso demonstra o "espanto" da jovem ao perceber que estes homens são civilizados e cumprimentam-se de maneira cortês.

¹⁶ Criaturas antropomórficas e monstruosas são parte integrante da imaginação dos séculos anteriores e ainda do século XVII, principalmente em relação aos estudos de magia. Uma obra que nos ajuda a compreender melhor tais figuras, pois apresenta ilustrações desse imaginário, é *Physica Curiosa*, do físi-

mente cortês entre si, numa língua ininteligível à dama, retiram-na do barco e o afundam juntamente com os corpos dos malfadados marinheiros. Ela sente um profundo e maravilhado estranhamento, acrescido de certo temor, ao imaginar que eles poderiam sacrificá-la, entretanto, quando a carregam em seus braços, para que não tivesse de caminhar sobre o gelo, fica evidente sua falta de crueldade.

Tais criaturas e a dama, após caminharem, chegam à cidade onde habitavam os ursos híbridos. Existe apenas a descrição de que, no lugar de casas, usavam-se, para moradia, cavernas sob a terra e que todos os seres, machos e fêmeas, saíam dessas habitações para admirar a jovem desafortunada. Algum tempo após cuidarem dela e notarem que não estava apta àquela temperatura e alimentação, decidem levá-la a outro lugar através de um rio. Depois da travessia, aportam em uma ilha cujos habitantes eram raposas¹⁷ humanoides, as quais dialogavam de maneira polida com os ursos antropomorfos. Dessa interlocução, segundo informa o narrador, concluíram que deveriam levar a dama como um presente para o Imperador daquele mundo. Com esse intuito, deslocaram-se através de vários rios, um sempre mais extenso que o anterior, e atracaram em ilhas, cujos moradores eram outros seres híbridos que demonstravam extrema habilidade naval e experiência de navegação. No percurso final, foi necessário adentrarem ao mar para que pudessem chegar à cidade onde habitava o Imperador, também uma ilha, de nome Paraíso.

Durante toda essa jornada, eles tinham somente atravessado rios; no entanto, para o próximo destino era inevitável enfrentar o mar aberto, portanto, cuidaram para que seus navios e cordame estivessem preparados para velejar e ingressar no interior da ilha, onde o imperador do Mundo Resplandecente (porque assim era chamado) mantinha residência. Aquelas criaturas mostraram-se excelentes navegadores e, embora ainda não tivessem conhecimento de ímãs, agulhas ou cronômetros marinhos (o que era muito útil para eles), eram argutos observadores e possuíam grande prática (*Ibidem*).

Nesse intervalo de tempo, a viajante direciona seus esforços para aprender a língua dos seres resplandecentes. Em certo sentido, é o mesmo esforço que empreende Margareth Cavendish para compreender a linguagem dos argumentos filosóficos, dificuldade inclusive reconhecida por ela, como impedimento para que os leito-

co, matemático, filósofo e mágico, o alemão Gaspar Schott (1608-1666). A biblioteca da Universidade de Iowa disponibiliza as principais imagens presentes no livro em seu acervo *online* <http://digital.lib.uiowa.edu/cdm/compoundobject/collection/jmrbr/id/1955/rec/1>.

17 O vocábulo 'raposa', em inglês, quando adjetivo significa *astuto* (assim como no português) e se usado como verbo, representa o ato de *confundir* ou *enganar* alguém.

res compreendessem suas outras obras¹⁸. Cada uma das ilhas pela qual passam os personagens, pertencente aos diversos grupos ali existentes, denota-se como uma alegoria das diversas esferas do saber científico, pois cada um dos seres antropomórficos possuía uma habilidade latente em campos determinados do conhecimento. Da mesma forma, os vastos rios, que devem ser transpostos, indicam as dificuldades mais extenuantes com relação às diferentes vertentes filosóficas a serem desbravadas.

Quando se encontravam próximos de Paraíso, ainda era necessário suplantar novas fronteiras e impedimentos. Ademais, existia unicamente um acesso para alcançá-la, o qual se constituía de uma entrada bastante estreita. Contudo, após vencer esses obstáculos, i. e., depois de atravessar quase todos os domínios do *Mundus Intellectualis*, a recompensa prometida pelas colunas de Hércules compreendia não somente o retorno ao Paraíso perdido, como o império sobre o então conquistado mundo da razão.

Dessa forma, parece que Cavendish propõe aos leitores que a compreensão de sua utopia, ou mesmo das concepções de filosofia natural expostas, demandaria um percurso repleto de intempéries, similar ao de um explorador em um novo mundo. Afinal, o conhecimento do que se encontra além das fronteiras só é dado àqueles que viajam, que se aventuram, que se arriscam a deixar as antigas opiniões e ingressar na “narrativa que transmite o (des)conhecido” (BRANDÃO, 2010, p. 17).

Os conceitos relacionados à organização estatal afiguram-se mais definidos nesse momento da obra. Afirma-se que todos os cidadãos falavam apenas uma língua, ou seja, concordavam entre si, além de manterem uma postura de subordinação em

18 Um dos momentos em que ela faz essa justificativa se encontra nesta utopia. Quando a Imperatriz convoca a Duquesa de Newcastle para ser sua escriba e lhe pergunta se ela sabe escrever, ela responde que sim, mas que sua caligrafia não é bem avaliada, e que quem quiser entender o que escreve deveria receber certo treinamento. Ao que tudo indica, ela estaria tratando não de sua caligrafia, mas de seu modo de escrever e de suas proposições filosóficas, as quais exigem certo conhecimento do leitor. Eis o trecho: “mas não tão inteligivelmente que qualquer leitor de qualquer coisa possa entendê-lo, a menos que ele tenha sido ensinado a conhecer meus caracteres, porque minhas letras são mais como caracteres do que como letras bem formadas”. ‘Você foi recomendada a mim pelos mais honestos e engenhosos espíritos’, disse a Imperatriz. ‘Certamente’, respondeu a Duquesa, ‘o espírito é ignorante de minha caligrafia’. ‘A verdade é’, disse a Imperatriz, ‘que eles não mencionaram a sua caligrafia, mas me informaram que escreve com senso e razão. E se você pode escrever de modo que qualquer um de meus secretários consiga aprender sua forma de escrever, eles deverão escrever bela e inteligivelmente”.

relação ao Imperador, tratando-o sempre com apropriados dever e obediência. Essas características eram responsáveis pela manutenção de uma vida plena de felicidade, ao mesmo tempo em que não permitiam o surgimento de guerras com povos externos ou insurreições de subordinados.

Dentro dos navios havia homens de muitas feições, mas nenhuma similar à do nosso mundo e, no momento em que os barcos e navios se encontraram, eles saudaram-se e conversaram uns com os outros de forma extremamente cortês, pois só havia uma língua em todo aquele mundo, assim como havia apenas um Imperador a quem todos eram submissos com grande dever e obediência, o que os fazia viver em felicidade e paz contínuas, sem, por isso, estarem familiarizados com guerras estrangeiras ou com insurreições civis (CAVENDISH, 1668)

A cidade imperial, por sua vez, é disposta segundo suas próprias características naturais. Sua ordenação é estabelecida por muitas ilhotas, que são interligadas por pontes pavimentadas à maneira da antiga Roma – cuja arquitetura é avaliada pelo narrador como superior à de seu mundo. Se o perfil arquitetônico da cidade origina-se nos preceitos da própria natureza, no Palácio do Imperador, ao contrário, nas paredes abarrotadas de pedras raras, lapidadas com fino rigor, sobressai-se a artificialidade. Com tal procedimento, assinalava-se que o Paraíso constitui-se tanto pela organização natural deixada pelo Grande Artífice quanto pelos domínios dos saberes artesãos, proposição que retoma, mais uma vez, preceitos defendidos por Bacon¹⁹. As pedras,

¹⁹ Bacon intentava melhorar a condição do homem, pela construção de um corpus de conhecimento. Para ele, os homens deveriam estudar o mundo ao seu redor, observando as atividades dos artesãos das novas indústrias, muito mais que as puras especulações filosóficas. A ciência deveria ter como objeto, portanto, a pólvora, a fabricação de vidro e papel, o tingimento e a agricultura, pois essas descobertas tinham sido feitas muitas vezes ao acaso, de modo não intencional e, mesmo assim, tinham revolucionado a história da humanidade de forma intensa, modificando verdadeiramente a vida dos homens e seu conhecimento sobre o mundo (o que indicava que o conhecimento e o poder, nesse âmbito, significavam a mesma coisa). Seu método tinha como preceito que se deveria primeiramente coletar as informações sobre o que se investigava, analisá-las, tecer observações gerais sobre o fenômeno e sua aplicação e, depois, fazer as experiências que comprovassem ou não a tese formulada. Corroborando essa afirmação, Rosa elucida que (...) a partir do Renascimento Científico a situação começaria a se alterar, pelo reconhecimento, por ambos os lados, da necessidade de dispor de conhecimento teórico e prático para o avanço de suas respectivas atividades. Engenheiros, marinheiros, médicos, matemáticos, artesãos e artistas contribuiriam de diversas maneiras para o começo de um entrosamento e complementaridade entre a Ciência e a Técnica, inclusive com a divulgação de suas experiências. (...) O valor dos métodos e processos dos artesãos, artistas e engenheiros, para fins do progresso do saber, seria gradualmente aceito. Francis Bacon (1561-1626) seria um dos primeiros a reconhecer a importância da experiência, do conhecimento artesanal e da experimentação no processo científico, tornando-se um dos principais arautos da Ciência Experimental. (...)

A partir do século XVII, a situação se modificaria, com o estabelecimento de uma comunidade de interesses e de propósitos entre a Ciência e a Tecnologia. A técnica, até então empírica, passaria a incorporar, cada vez mais, conhecimento científico, assim como a Ciência se beneficiaria dos produtos tecnologicamente mais apropriados para suas atividades. A Ciência Experimental ganharia o apoio de intelectuais e

portanto, eram esculpidas e dispostas, da mesma maneira como o saber era investigado e essa união constituía a extrema beleza daquele espaço.

No momento em que a jovem donzela é apresentada ao Imperador, o soberano fica maravilhado em virtude de sua beleza e, por julgá-la uma deusa, oferece-se para cultuá-la, pedido que lhe é negado, pois ela enfatiza sua mortalidade. Logo a seguir, eles se casam, o que a torna Imperatriz, e é a razão pela qual seu esposo cede-lhe o “poder absoluto para dominar e governar todo aquele mundo como quisesse”. Como já afirmado anteriormente, após sobrepujar todas as ilhas de conhecimento do mundo do saber e dominar a linguagem que a eles competia, não apenas tornava-se possível alcançar o Paraíso como dominá-lo completamente, interferir e propor mudanças sobre ele de forma a moldá-lo segundo lhe conviesse. Em outras palavras, o caminho para adentrar ao mundo da filosofia natural era demorado e custoso, a sua linguagem própria deveria ser aprendida, mas depois de percorrido o percurso não só o domínio sobre a ciência era alcançado, como a possibilidade de proposições e alterações sobre as suas concepções era possível.

Após a descrição da indumentária usada pela Imperatriz em sua coroação, há um breve comentário acerca do comércio, o qual ocorria sem a necessidade de moedas e, apesar da abundância excessiva (indicando a estabilidade financeira), o uso dos metais e das pedrarias nobres era permitido apenas à nobreza. Fato que indica outra diferença em relação à obra de More, já que nela o ouro era utilizado para a punição ou como forma de ridicularização. Nesse momento, o relato que se segue permite perceber que os seres resplandecentes são divididos, inicialmente, em categorias determinadas por sua constituição natural, segundo a qual são separados aqueles que possuem sangue imperial – os nobres – dos que não possuem. A descrição feita sobre os primeiros permite saber, ainda que superficialmente, a constituição de sua aparência, notável por ser colorida, e a sua separação em dois conjuntos: os que foram tornados governantes e os que, após serem feitos eunucos, passavam a ser sacerdotes. Os demais cidadãos formavam o grupo dos homens híbridos, cujos corpos assemelhavam-se às mais diversas formas e aspectos de alguns animais como ursos, raposas,

cientistas (Galileu, Boyle, Hooke, Huygens), abrindo novas perspectivas para os práticos e inventores. (...) Os benefícios recíprocos dessa cooperação Ciência-Tecnologia se traduziriam nas revoluções havidas nos domínios industriais e científico da época.” (2012, p. 37-39)

vermes, peixes, pássaros, moscas, formigas, aranhas, piolhos, símios, corvos, gralhas, papagaios, sátiros, gigantes e muitas outras²⁰. Como consequência dessa organização, fica perceptível a estrutura de estamento imposta, comum a uma monarquista como Cavendish, de acordo com a qual, os homens são categorizados em função de seu nascimento e cada um possuiria características, talentos e funções sociais em conformidade com essa ordem pré-estabelecida pela natureza, a obra divina. Mesmo sob tal regime, eles não provocam qualquer desordem, longe disso, são extremamente civilizados, vivem harmoniosamente entre si e servem fielmente ao monarca.

Segundo esse raciocínio, conforme fosse conveniente a cada espécie, dedicavam-se às mais diversas atividades, dentre as quais, as artes e as ciências eram designadas aos que se mostrassem mais virtuosos, como era a Imperatriz. Nessa altura da narração, a interferência direta da personagem viajante se inicia, pois ela estabelece escolas e associações – similares à Casa de Salomão de Bacon e à *Royal Society* – para as principais esferas de saber, designando e enviando a cada uma os cidadãos mais adequados. Por este raciocínio, a disposição ocorreria segundo a seguinte ordem: os ursos seriam filósofos experimentais; os pássaros, astrônomos; as moscas, os vermes e os peixes, filósofos naturais; os símios, alquimistas; as raposas, políticos; os sátiros, médicos galênicos; as aranhas e os piolhos, matemáticos e geômetras; as gralhas e os papagaios, oradores e lógicos e, por fim, os gigantes seriam arquitetos.

A ação seguinte da Imperatriz foi a convocação dos homens nobres. Primeiramente os de estado, pelos quais soube que, a escolha pelo governo monárquico se dava por “ser mais natural a um corpo possuir uma única cabeça, assim como seria natural ao corpo político ter apenas um governante, logo, a *commonwealth*, a qual possuía muitos governadores, configurava-se como um monstro com muitas cabeças” – referência direta a Hobbes. Além disso, a monarquia seria “a forma divina de governança” e harmonizaria melhor com a religião ali praticada, afinal “da mesma forma que existe apenas um Deus” deve haver apenas um soberano. As leis que os regiam também eram poucas, a fim de que não houvesse contendas internas e conflitos,

20 Assim como os vocábulos *urso* e *raposa*, outros nomes de animais desse grupo também podem ter diferentes acepções. Peixes são *estranhos*. Gansos (que também são os pássaros) são *pessoas tolas*. Moscas são *inteligentes, atraentes, elegantes*. Corvos são considerados *ladrões*. Gralhas e Papagaios são *falantes*, ou pessoas que falam de forma grosseira.

pois “leis em excesso provocavam muitas divisões, as quais comumente ocasionavam facções de classes, e por fim irrompiam em guerras”.

Mais tarde, ao questionar os sacerdotes, a Imperatriz fica sabendo que há apenas uma religião e um modo de culto, o qual tinha de ser cumprido pelas mulheres em ambiente privado, porque, se elas estivessem presentes nas assembleias comuns das igrejas, poderiam afastar a atenção do culto. Acrescido a isso, há o fato de os nobres serem feitos eunucos para que não tivessem sua ocupação prejudicada por assuntos de ordem pessoal. Tal trecho constitui uma parte muito pequena da obra e este aspecto aponta-nos para o fato de o papel da religião ter sido realmente minimizado nesta utopia. Evidentemente, a presença da figura divina e sua afirmação como criadora do mundo é, a todo tempo, lembrada nos debates que ocorrerão na sequência, contudo, o papel de atuação do episcopado no mundo resplandecente restringe-se apenas à organização da Igreja, de sua liturgia, seus cultos. Ainda assim, mais tarde, ficará evidente que o responsável de fato pela motivação da fé seria o soberano, e não o clero, além de que, pela fé, seria possível exercer maior controle sobre as outras esferas que permeiam a vida dos cidadãos, fazendo-os submeterem-se a eles como o faziam com a religião.

a Imperatriz fez uma excelente pregação e as instruiu sobre as regras da fé e, dessa forma, converteu-as não apenas rapidamente, como conseguiu um amor extraordinário de todos os seus súditos em todo aquele mundo. (...) Então, dessa forma, a Imperatriz, por sua própria arte e engenho, não apenas converteu o Mundo Resplandecente à sua própria religião como os manteve constantemente crentes, sem enforcamentos ou derramamento de sangue; porque ela bem sabia que crer era algo que não deveria ser forçado ou imposto sobre as pessoas, mas inculcado em suas mentes por meio de uma afável persuasão. Dessa forma, encorajou-os também a submeterem-se a todos os outros deveres e ocupações: pois o medo, embora faça com que as pessoas obedeçam, ainda assim não dura muito tempo, nem é uma forma tão certa de mantê-los em suas funções, como o amor (*Ibidem*).

Interrompe-se, então, a descrição do cenário da cidade utópica. A partir desse ponto, a Imperatriz dedica-se aos diálogos com seus cidadãos mais virtuosos, para vir a conhecer os avanços que eles fizeram em cada uma de suas ciências. É importante salientar que Cavendish, como elucidado por seu prefácio, tinha como objetivo principal expor suas considerações sobre filosofia experimental, portanto, o trecho da

obra dedicado a tal propósito, descrever os fenômenos científicos e os elementos da natureza, é essencialmente mais extenso que as descrições da cidade e da sociedade do novo mundo encontrado, como ocorre em muitas utopias.

Durante esses diálogos, teorias sobre diversas esferas do conhecimento são debatidas e, quando seus cientistas não conseguem consonância entre si, ou conduzem de modo deficiente sua explanação, a principal preocupação que a Imperatriz demonstra é a de que os conflitos, que eles ali produziam, permanecessem dentro dos limites das escolas científicas, de forma que não pudessem causar perturbações ao ordenamento do estado.

Quando são finalizadas as reuniões, ela promove uma reforma (aludindo a Henry VIII) na estrutura eclesiástica do mundo resplandecente, construindo duas capelas com materiais especiais – pedras ígnea, solar e estelar –, o que as transforma em dois ícones memoráveis sobre o céu e o inferno. A nova governante também se torna líder pregadora nesses templos, argumentando mais uma vez que a conversão deveria acontecer pelo convencimento e não pela força. Outra sequência de interlocuções é iniciada com os espíritos imateriais, na qual é abordada toda a sorte de especulação sobre a existência de outros mundos, sobre o deslocamento de espíritos ou mesmo sobre questões acerca de céu e inferno.

Na tentativa de elaborar uma cabala própria, a Imperatriz consegue, por sua escriba, o auxílio da alma da Duquesa de Newcastle, ou seja, a autora cria um *alter ego* de si mesma. As duas, após terem se tornado “amigas platônicas” tomam conhecimento, pelos espíritos, de que poderiam criar mundos paralelos ordenados em suas mentes e assim procedem, utilizando-se dos métodos de vários filósofos como Platão, Descartes, Pitágoras, mas, por fim, decidem seguir sua própria maneira, o que parece ser uma defesa constante da obra, a de que o procedimento filosófico da utopia seja adotado. Ademais, também emerge nessa manobra uma espécie de tentativa de experimentação, de empirismo pela pura lógica e construção mental, procurando “testar” cada uma das teorias desses intelectos. Uma das leituras que se pode fazer para tentar entender o motivo de ela ter buscado essa espécie de defesa do modelo utópico se baseia no fato de não vislumbrar mais a possibilidade de mudança real do

contexto que a cerca. Pois, mesmo sendo possível interpretar que ela propunha essa retomada do modelo estatal monárquico o qual defendia, também podemos notar que o trecho em que a Imperatriz retorna ao seu mundo de origem para poder livrá-lo das diversas guerras que o cercam é classificado no prefácio como “fantasioso” ou ainda “fantástico”. Da mesma forma, quando especula, durante esse momento da narrativa, que cada um pode criar um mundo a sua maneira, dá-nos a entender que o ideal de cada um não necessariamente será compartilhado por todos, como muitos poderão não concordar com o modo pelo qual ela criou o Mundo Resplandecente. Todavia, isso não deveria causar qualquer espécie de conflito, uma vez seja possível a cada um propor sua criação por meio da imaginação, o que nos faz concluir que ela apresenta um manifesto em favor do recurso utópico, caracterizando-o como uma afirmação pela subjetividade.

Por fim, mais tarde, já no final da narração, a Imperatriz retorna a seu antigo mundo, onde, com a ajuda do que aprendeu no *Mundus Intellectualis*, derrota todos os países adversários de sua terra natal na guerra, por meio dos conhecimentos adquiridos. Vencido o conflito, ao retornarem, o narrador ainda faz alusões à escrita e crítica ao teatro da época da Restauração, até que a Duquesa retorna também ao seu mundo, para junto de seu esposo. E, com um relato dos divertimentos adotados na corte da Imperatriz, dá-se fim à narrativa.

Quando se analisa o conjunto das ideias e concepções presentes nesta utopia, pode-se observar como as questões envolventes do entorno atravessam o texto, marcando-o profundamente pelo viés do ponto de vista de seu autor. O estado cavendishiano segue os princípios em que sua autora acreditava – influenciada de perto pelo Leviatã hobbesiano²¹ e pelas academias científicas idealizadas por Bacon. Cavendish acrescenta ainda um retorno ao modelo elisabetano, segundo o qual a figura emblemática e divinizada da Imperatriz, que é venerada como uma deusa²², assumirá

21 A soberania, afirmava Hobbes, precisa ser absoluta e ilimitada. O soberano pode ser um homem ou uma organização, seu direito pode derivar da antiguidade remota ou de conquista recente; tudo o que importa é que ele possa proteger seus súditos e que sua autoridade seja reconhecida por todos. (HOBBS, 2003)

22 O Imperador aceita sua mortalidade, mas não seus súditos “os quais dificilmente eram persuadidos a crer que ela fosse mortal, e renderam-lhe toda a veneração e culto devido a uma divindade”. Tradução do original: “her subjects, who could hardly be perswaded to believe her mortal, tender’d her all the veneration and worship due to a deity”.

de mesmo modo a liderança do poder clerical, ou seja, o soberano seria o chefe dos âmbitos da vida social e religiosa de seus súditos. Não obstante a esfera individual também sofreria um cerceamento, na medida em que não cabe plenamente ao homem a escolha clara de sua função na sociedade, ao contrário, ele deve seguir o que melhor se apresentar como adequado à coletividade²³.

(...) cada um seguia uma profissão como melhor fosse apropriado para a natureza de sua espécie, o que era incentivado pela Imperatriz, especialmente se tratando daqueles que se aplicavam ao estudo das mais diversas áreas e saberes, pois eram tão engenhosos e sábios na invenção de artifícios rentáveis e úteis como alguns de nosso mundo o são, ou melhor, eram superiores. Com essa finalidade, a monarca erigiu escolas e fundou diversas sociedades (CAVENDISH, 1668)²⁴.

Para a construção desse estado ideal "a liberdade dos súditos" deve estar "apenas naquelas coisas que, ao regular suas ações, o soberano permitiu" (HOBBS, 2003, p. 117), o indivíduo abnega-se completamente para fazer parte desse corpo estatal e alcançar a paz, ao mesmo tempo em que a liberdade do soberano existe e ele pode desenvolver-se enquanto indivíduo já que, por sua natureza, adquiriu este direito²⁵. Em Hobbes, sua parte no contrato é apenas exercer esse poder supremo sobre o organismo estatal, de forma a garantir estabilidade civil e um estado de paz, mas no mundo resplandecente somos levados a perceber que a preocupação do soberano deverá ser voltada para o desenvolvimento das artes e das ciências. Com esta condição

23 Com isso, a "bellum omnium contra omnes" que caracteriza o "estado da natureza" em Hobbes, seria contida, possibilitando a vida harmoniosa daquele lugar. Ao centralizar o poder nas mãos de um monarca ou de um grupo, ele pretendia também diminuir a interferência da igreja na vida dos indivíduos e aumentar o poder do estado. "Por liberdade entende-se, conforme a significação própria da palavra, a ausência de impedimentos externos, impedimentos que muitas vezes tiram parte do poder que cada um tem de fazer o que quer, mas não podem obstar a que use o poder que lhe resta, conforme o que seu julgamento e razão lhe ditarem. (...) É dado que a condição do homem é uma condição de guerra de todos contra todos." (HOBBS, 2003, p. 77).

24 Tradução do original "these several sorts of men, each followed such a profession as was most proper for the nature of their Species, which the Empress encouraged them in, especially those that had applied themselves to the study of several Arts and Sciences; for they were as ingenious and witty in the invention of profitable and useful Arts, as we are in our world, nay, more; and to that end she erected Schools, and founded several Societies". Em outras obras, Cavendish menciona que "as pessoas comuns" seriam insolentes e tolas, porque não saberiam como lidar com o poder que conseguiram, não tinham o virtuosismo dos nobres.

25 A todo momento é retratada a beleza da Imperatriz, porém, o momento principal ocorre quando é conduzida pelos seres híbridos à presença de seu Imperador. Ele a admira por sua extrema beleza, considerando-a uma deidade, casa-se com ela, torna-a Imperatriz e cede-lhe o poder supremo. Esse caráter aparece como uma das condições para se conseguir o poder para Hobbes "O poder de um homem (universalmente considerado) consiste nos meios de que presentemente dispõe para obter qualquer visível bem futuro. Pode ser original ou instrumental. O poder natural é a eminência das faculdades do corpo ou do espírito; extraordinária força, beleza, prudência, capacidade, eloquência, liberalidade ou nobreza." (HOBBS, 2003, p. 47, grifo meu)

de paz, o monarca organizaria a sociedade em prol do estudo da natureza, em prol da ciência, a qual deveria favorecer o bem-estar dos súditos como bem entendia Bacon. Em outras palavras, a liberdade, a vontade e o livre-arbítrio dos cidadãos existem de maneira extremamente limitada e mesmo assim devem ser negados e concedidos à monarquia a fim de se promoverem os interesses do bem comum com o desenvolvimento dos conhecimentos científicos que possibilitariam a configuração de um mundo novo, um mundo renascido na ciência, um *mundus intellectualis*.

3 A CONTRIBUIÇÃO AO MODELO UTÓPICO

Dentro da tradição dos estudos utópicos, é possível encontrar muitas análises sobre como cada autor dialoga com os aspectos herdados do texto moreano e, mais do que isso, de que forma, a maioria deles mobiliza estas características de acordo com o contexto circundante ou ainda com as intenções próprias. Cavendish não foge a essa regra. Como já indicamos, seu texto contém diversas mudanças em relação ao gênero. A primeira a ser apontada é o narrador. Diferentemente das utopias de seu entorno, em *O Mundo Resplandecente* não é o viajante quem narra a história, depois de seu retorno, a interlocutores com que estabelece um diálogo textual. Por esse motivo, nesta obra é possível a descrição mais pormenorizada de um personagem, a protagonista da história. Isso destoa do texto de More e de outros autores desse gênero²⁶, pois neles, a cidade assume o papel primordial, portanto é no ato de descrevê-la que o relato se constrói. Há ainda o fato de que, por se tratar de uma predominante descrição, quase não existem passagens em que a ação se sobressaia, o que resulta, dentre outros motivos, na dispensa da inserção e caracterização de personagens. Já a utopia cavendishiana não apenas contém muitas sequências de ações como muitos diálogos entre a protagonista e os cidadãos resplandecentes ou ainda alguns outros personagens.

Dessa forma, a descrição do novo mundo encontrado divide espaço com a

26 Refiro-me aos autores mais conhecidos e às utopias mais difundidas, pois não é apenas o texto cavendishiano que apresenta essas diferenças em relação a More. Exemplo disso é a utopia *Nova Solyma* (1648) de Samuel Gott, a qual também possui uma descrição mais pormenorizada de personagens, relatos de aventuras e pregações, poesias e outras características próprias.

descrição de um indivíduo, do subjetivo, igualmente objeto de interesse. Sua trajetória afigura-se incorporada pelas descobertas e alterações que ele faz em relação àquele ambiente explorado, principalmente no que tange ao ordenamento da natureza, o que proporciona ao leitor vir a conhecer o saber ali investigado e exposto. Se há essa subjetividade e esse vislumbre de um narrador apartado, possibilita-se, ao *ego* protagonista, a oportunidade de poder ter sensações, pensamentos e impressões que serão relatadas e descritas, o que autoriza até mesmo a concepção de empatia (ou antipatia) pela figura apresentada. Enquanto a tradição utópica do século XVI caminhava com o enfoque dado à construção coletiva, outros textos como o de Cavendish, já apontam que o caminho percorrido pelo gênero levaria ao olhar para a construção coletiva a partir da perspectiva do âmbito individual. Um dos pontos a que se chegou, tendo como base essa característica, foi o surgimento das distopias modernas. Em quase todas elas, o olhar sobre a sociedade constituída é sempre feito a partir do ponto de vista de um personagem protagonista.

Outro aspecto próprio da obra se encontra na estrutura dos diálogos. Enquanto na *Utopia* de More, grosso modo, o diálogo é a construção utilizada no primeiro livro e a descrição, no segundo, a maior parte do texto de Cavendish é tomada pelo diálogo. Em seu texto, este gênero configura-se como a herança do início da filosofia, com os diálogos de Platão e o uso da maiêutica, mas, além disso, é tanto próprio das academias científicas, difundidas na Europa desde o Renascimento quanto começa a “sobrepor-se à tratadística precedente” (BENZONI *apud* MORAES, 2010), em função das intenções das academias de tornar o conhecimento mais próximo dos não eruditos.

Aliado a este aspecto pedagógico, se manifesta o interesse por uma divulgação mais abrangente do saber (que encontramos nos projetos de *volgarizamento* de diferentes autores). Longe do rigor metodológico e expositivo de um tratado científico ou filosófico, o aspecto ficcional, a maior flexibilidade dos modos de abordagem de determinado assunto e a estrutura polifônica do diálogo são recursos eficazes para a difusão, numa escala maior, de um corpo de conhecimentos já metodicamente formulados, sejam eles técnicos, práticos ou intelectivos. (MORAES, 2010, p. 159)

Assim sendo, quando Cavendish escolhe os longos diálogos com exposições sobre as diferentes teorias científicas, seguidos de uma interpelação para sua aceitação ou confrontação, nada mais está a fazer senão apresentar ao leitor, não afeito a uma exposição teórica mais densa, como o tratado, a possibilidade de acompanhar

a argumentação em torno de uma questão de uma forma mais acessível. Nesse sentido, sua escolha por esse gênero segue a de filósofos como Galileu, numa tentativa de aproximar-se mais daqueles que estão fora das academias e proporcionar que o conhecimento fique ao alcance de um número maior de pessoas.

Não obstante, há ainda a mudança em relação ao papel do viajante. Nesse caso, ele não apenas passa a conhecer uma nova sociedade, como pode vir a obter poder para alterá-la, transformá-la²⁷. Esse atributo corrobora algumas afirmações presentes nos prefácios de Cavendish e durante esta obra (quando a Imperatriz faz a criação de mundos diversos), segundo as quais, todos teriam a oportunidade de também organizar sua esfera subjetiva interna, desde que fossem detentores de saber suficiente para fazê-lo, e criar mundos conforme sua própria vontade. Para ela, por exemplo, o reconhecimento de seu trabalho por seus pares – os outros filósofos –, poderia ocorrer no construto ficcional, diferentemente da realidade, na qual não existia sequer a chance para o diálogo, exceto com seu esposo e cunhado.

na formação daqueles mundos, senti mais prazer e glória que jamais Alexandre ou César puderam conquistar neste mundo terrestre, e, embora eu tenha feito de meu Mundo Resplandecente um mundo pacífico, permitindo apenas uma religião, uma língua, um governo; ainda posso fazer outro mundo tão cheio de facções, divisões e guerras como este é de paz e de tranquilidade, além de que os personagens racionais da minha mente devem expressar tanta coragem para lutar, como Heitor e Aquiles fizeram, e serem mais sábios que Nestor, ou mais eloquentes que Ulisses, e mais belos que Helena. (...) se alguma alma gostar do mundo que eu criei e estiver disposta a ser minha súdita, pode imaginar-se de tal forma e o será, quero dizer, em sua mente, fantasia ou imaginação; mas, se não puder suportar ser súdita, pode criar seu próprio mundo e governá-lo como lhe aprouver. (*Ibidem*)

Diante desses poucos indícios, pode-se afirmar que *O Mundo Resplandecente* não apenas dialoga com a tradição utópica, possuindo referências diretas aos seus textos mais relevantes, quanto procura apresentar novas possibilidades de uso dos procedimentos próprios do gênero. Mais do que isso, trechos como o acima citado, procuram instigar os leitores ao exercício da projeção de sociedades. Parece que há

27 O estrangeiro não apenas modifica o mundo utópico como apreende os conhecimentos ali existentes, a filosofia natural, e os leva de volta ao mundo de onde viera. Apesar de não ser possível fazer a análise dessa característica neste artigo, posso sinalizar que tal aspecto demonstra que Cavendish indicava um olhar utilitarista para os artifícios e saberes produzidos pela nova ciência, intentando, inclusive, seu uso bélico. Ao mesmo tempo, parece que compreendia a utopia como uma possibilidade de reflexão analítica, imaginativa até, sobre o contexto de partida, entretanto, após a “visita” ao mundo utópico, o viajante deveria retornar e agregar o que aprendera ao seu mundo de origem.

uma tentativa de elevar o gênero não apenas a um lugar de apreciação, mas também de exercício, de experimentação de caminhos para novos construtos sociais. Em outras palavras: a narração de um mundo ideal aos moldes cavendishianos, em última instância, defende a necessidade da utopia, e do livre pensar que a possibilita, pois somente desse modo, o acesso ao conhecimento poderia ser construído e alcançado.

4 REFERÊNCIAS

AKKERMAN, Nadine; CORPORAAL, Marguéríte. Mad Science Beyond Flattery: The Correspondence of Margaret Cavendish and Constantijn Huygens. **Early Modern Literary Studies Special Issue**, p.1-21, 14 maio 2004. Edição Especial. Disponível em: <<http://purl.oclc.org/emls/si-14/akkecorp.html>>. Acesso em: 6 set. 2013.

BACON, Francis. **Nova Atlântida**. Tradução de José A. R de Andrade. São Paulo, Abril Cultural, 1973. (col. Os Pensadores)

_____. **O progresso do conhecimento**. Tradução, apresentação e notas de Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESP, 2007. 328 p.

BALDO, M. C. da S. **O mundo resplandecente, de Margaret Cavendish**: estudo e tradução. 2014. 307 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP.

BERRIEL, Carlos. Editorial. **Morus: Utopia e Renascimento**, Campinas, v. 1, p.5-9, jan. 2004. Anual.

BRANDÃO, Jacyntho Lins. A experiência de Ulisses: Nota sobre um tema utópico perdido. **Morus: Utopia e Renascimento**, Campinas, v. 7, p.15-25, 2010. Anual.

CAIXETA, B. P. **Man in the Moone (Londres, 1638)**: utopia, ciência e política no pensamento de Francis Godwin. 2014. 258 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP.

CAVENDISH, Margaret L. **The Description of a New World, Called the Blazing-World**. Londres: A. Maxwell, 1668. Disponível em: <<http://digital.library.upenn.edu/women/newcastle/blazing/blazing.html>>. Acesso em: 18 maio 2012

_____. The True Relation of My Birth, Breeding and Life. In: CAVENDISH, Margaret. **The life of William Cavendish: Duke of Newcastle to which is added the true relation**

of my birth, breeding and life. 2. ed. Londres: G. Routledge & Sons, E.p. Dutton, 1890. p. 155-178. (The London Library. Memoirs of William Cavendish, Duke of Newcastle and Margaret, his wife). rev., com notas adicionais. Ed. by C.H. Firth.

_____. **Observations upon Experimental Philosophy**, ed. Eileen O'Neill, Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

_____. **Margaret Cavendish: Political Writings**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. 344 p. (Cambridge Texts in the History of Political Thought). Susan James (Editor).

_____. **The Blazing World and Other Writings**. Londres: Penguin, 2004 (Penguin Classics).

DEWALD, John. **Europe 1450 to 1789: encyclopedia of the early modern world**, Volume 6. Michigan: Charles Scribner's Sons, 2004.

FIRPO, Luigi. Para uma definição de "utopia". Tradução de Carlos Eduardo O. Berriel, **Morus Utopia e Renascimento**, v.2. Campinas, 2005, p.227-237.

HOBBS, T. **Leviatã**. Tradução: João Paulo Monteiro e Maria Beatriz Nizza da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

JAMES, Susan. *Introduction*. In: CAVENDISH, M. C. **Margaret Cavendish: Political Writings**. Cambridge: Cambridge Press, 2003. pp. ix-xxix.

LESLIE, Marina. Gender, Genre and the Utopian Body in Margaret Cavendish's *Blazing World*. **Utopian Studies**, v. 7, n. 1, p. 6-24, Pen State University Press.

LUCIANO. **A História verdadeira**. Tradução de Gustavo Piqueira. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2012.

MORAES, Helvio. *Introdução*. As Mil faces de Proteu: um Estudo sobre o diálogo na Itália do século XVI. **Sínteses**, 2010, pp. 151-171

MORE, Sir Thomas, Santo. **Utopia**. Organização George M. Logan, Robert M. Adams. Tradução de Jefferson Luiz Camargo e Marcelo Brandão Cipolla. 3. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009. (Clássicos Cambridge de filosofia política).

O'NEILL, Eillen. *Introduction*. In: CAVENDISH, Margaret. **Observations upon Experimental Philosophy**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

PARK, Jennifer Mi-young. Navigating Past, Potential, and Paradise: The Gendered Epistemologies of Discovery and Creation in Francis Godwins *Man in the Moone* and Margaret Cavendish's *Blazing World*. **Renaissance And Reformation**, p.113-138, 2012.

Inverno.

PEPYS, Samuel. **Diary and Correspondence of Samuel Pepys**: Secretary to the Admiralty in the Reigns of Charles II and James II. 15. ed. Londres: Henry Colburn, 1854. Vol. II.

_____. **The Diary of Samuel Pepys**. Nova York: Modern Library, 2003. 310 p. (Modern Library Classics).

ROSA, Carlos Augusto de Proença. História da ciência: renascimento científico. 2. ed. Brasília, FUNAG, 2012.

WHITAKER, Katie. **Mad Madge**: The Extraordinary Life of Margaret Cavendish, Duchess of Newcastle, the First Woman to Live by Her Pen. Nova York: Basic Books, 2002.

WHITE, William. Science, Factions, and the Persistent Specter of War: Margaret Cavendish's Blazing World. **Intersect**, Stanford, v. 2, n. 1, p.40-51, 2009.



REVICE - Revista de Ciências do Estado
ISSN: 2525-8036
v2.n.1 JAN-JUL.2017
Periodicidade: Semestral

seer.ufmg.br/index.php/revice
revistadece@gmail.com

BALDO, Milene Cristina da Silva. A utopia o mundo resplandecente: um mundus intellectualis.
Data de Submissão: 01/02/2017 | Data de aprovação: 16/02/2017

A REVICE é uma revista eletrônica da graduação em Ciências do Estado da Universidade Federal de Minas Gerais.

Como citar este artigo:
BALDO, Milene Cristina da Silva. A utopia o mundo resplandecente: um mundus intellectualis. In: **Revive** - Revista de Ciências do Estado, Belo Horizonte, v.2, n.1, p. 126-150, jan./jul. 2017.
